

**UM OLHAR FEMINISTA SOBRE O PERFIL DAS  
PESQUISADORAS DA UFBA BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE  
EM PESQUISA DO CNPq**

**Iolanda Pinto de Faria<sup>1</sup>**

**Márcia dos Santos Macedo<sup>2</sup>**

**Angela Maria Freire de Lima e Souza<sup>3</sup>**

**INTRODUÇÃO**

A despeito da ocorrência de transformações em razão de sexo no universo do trabalho remunerado e, em particular, das profissões, não é demasiado afirmar que a persistência das desigualdades de gênero, que insistem em afetar as carreiras das mulheres nas mais distintas profissões, continuam atingindo as mulheres cientistas de modo específico. Isso porque, além da dificuldade para o ingresso nesse campo de atuação, as pesquisadoras encontram uma série de obstáculos – evidentes ou não – para permanecerem e, sobretudo, para progredirem nas carreiras acadêmicas<sup>4</sup>. Simbólicos ou materiais, esses empecilhos constituem o que Lima (2013) denomina de labirinto de cristal, que

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (Universidade Federal da Bahia). <http://lattes.cnpq.br/0805356640371534>. <https://orcid.org/0000-0002-9353-986X>. [iolandapintodefaria@hotmail.com](mailto:iolandapintodefaria@hotmail.com). Endereço para correspondência: Rua oito de dezembro, 808, ap. 802, Graça, Salvador, BA, Brasil. CEP: 40150-000. Telefone: Não informado.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais (Universidade Federal da Bahia). <http://lattes.cnpq.br/5021795204335253>. <https://orcid.org/0000-0001-7892-9918>. [msmacedoufba@gmail.com](mailto:msmacedoufba@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia). <http://lattes.cnpq.br/3131920317976457>. <https://orcid.org/0000-0003-0807-7451>. [thabataferraz@hotmail.com](mailto:thabataferraz@hotmail.com).

<sup>4</sup> Embora reconheçamos que os conceitos de carreiras científica e acadêmica não se confundem, seja porque há carreiras científicas fora da academia, seja porque nem todas as carreiras acadêmicas são científicas, este trabalho, tendo em vista o seu objeto, utilizará as duas expressões como sinônimas.

“[...] tanto simboliza os diversos obstáculos dispostos na trajetória científica feminina quanto apresenta suas variáveis consequências, tais como: desistência de uma determinada carreira, sua lenta ascensão e estagnação em um dado patamar profissional” (Lima, 2013, p. 886).

Assim, se podemos afirmar que a participação das mulheres na academia é bastante limitada, essa desigualdade se torna ainda mais evidente quando tratamos das mulheres bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, as bolsistas PQ – isso porque, acima de tudo, ocupam um lugar de grande prestígio dentro de uma carreira que, por si só, tem bastante destaque no mercado de trabalho, não apenas pela remuneração econômica e, no caso das universidades públicas, pela estabilidade, mas, em especial, pelo reconhecimento de autoridade e capital simbólico. Como veremos adiante, as mulheres são menos de 39% de bolsistas PQ vinculados/as à UFBA, distribuídas de modo heterogêneo, tanto em relação às áreas de conhecimento e, conseqüentemente, aos programas de pós-graduação, quanto em relação às categorias e aos níveis de bolsa. Além de serem sub-representadas enquanto docentes permanentes de diversos programas da UFBA<sup>5</sup>, as mulheres também se mantêm nos níveis mais baixos da bolsa PQ, sendo 70% delas contempladas com bolsas da categoria PQ-2<sup>6</sup>.

Estudos sobre a participação das mulheres na produção científica ainda são incipientes, sobretudo no Brasil, onde, “[...] embora crescente, são poucos e dispersos os trabalhos que abordam especificamente a participação das mulheres em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D)” (Lopes, 2018, p. 421). É somente a partir dos anos 1980 que a literatura sobre gênero na ciência

<sup>5</sup> Elas são, por exemplo, 21% das docentes em Ciências da Computação e Contabilidade, 30% em Direito e em Medicina e saúde, 20% em Ecologia e Engenharia Elétrica, 27% em Economia, 26% em Energia e Ambiente, 25% em Engenharia Industrial, 15% em Física e em Geofísica, 23% em Matemática e apenas 9% Mecatrônica.

<sup>6</sup> O CNPq classifica, em ordem crescente de categorias e níveis, as bolsas de produtividade em pesquisa em PQ-2, PQ-1D, PQ-1C, PQ-1B, PQ-1A. Há, ainda, a categoria de Produtividade em Pesquisa Sênior (PQ-SR), que, por conta de sua excepcionalidade e suas especificidades, como a necessidade de o/a pesquisador/a ter permanecido no sistema por pelo menos 15 (quinze) anos, consecutivos ou não, nas categorias PQ-1A ou PQ-1B, não foi considerada para o presente estudo, embora a UFBA conte, em 2018, com três bolsistas de Produtividade em Pesquisa Sênior (PQ-SR), todos eles do sexo masculino. Outro nível também excluído desse estudo é o PQ-2F, por ter tido vigência limitada a cinco dos anos aqui analisados (2009-2013).

passa a ser discutida por estudiosos/as de diferentes áreas do conhecimento, tornando-se, em pouco tempo, “[...] uma linha de pesquisa de múltiplas abordagens” (Leta, 2003, p. 272). Entretanto, apesar da importante inclusão de mulheres no corpo discente dos cursos de pós-graduação em sentido estrito – mestrado e doutorado – “[...] as assimetrias persistem na participação de mulheres coordenando os grupos de excelência, os institutos nacionais e entre os bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq” (Lopes, 2018, p. 423).

Nesse sentido, as explicações quanto à sobrecarga de trabalho doméstico e da dupla ou tripla jornada, com maternidade, matrimônio etc., inobstante serem incontestavelmente relevantes, não dão conta da complexidade do sistema de exclusão que reduz o alcance do topo da carreira acadêmica pelas mulheres a casos pontuais. Mesmo com o percentual razoável – ainda que não equitativo – de mulheres que integram o conjunto dos corpos discente e docente das instituições de ensino brasileiras, é alarmante o diminuto número de bolsistas PQ. Daí, pois, a importância de entender quem são essas mulheres que romperam o teto de vidro ou, como preferimos atravessaram o “labirinto de cristal”. Para tal, primeiramente, entendendo o perfil delas, a partir dos dados quantitativos obtidos através dos currículos Lattes, Plataforma Sucupira, sítio do CNPq e na Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas da UFBA e, posteriormente, em outra etapa deste estudo, analisando suas trajetórias de vida e as estratégias utilizadas por elas para construírem uma carreira exitosa.

O olhar sobre a temática se dá a partir de epistemologias feministas, sob o fundamento de que todo conhecimento é situado, e, mais precisamente, a partir das críticas feministas às ciências e da construção de ciências com perspectivas feministas. É fundamental entender que o androcentrismo tem, historicamente, produzido conhecimentos reconhecidos como científicos, mas que, muitas vezes, agravam as hierarquias sociais, incluindo as de gênero (Sardenberg, 2002). É por este motivo que propomos uma leitura dos dados obtidos nesse estudo que

privilegie um olhar crítico das teorias feministas sobre as relações de gênero nas carreiras acadêmicas. Para tanto, neste trabalho, apresentaremos nossa metodologia de pesquisa para, em seguida, desenvolver as bases teórico-epistemológicas que esteiam o estudo e, por fim, analisar os dados referentes às bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq vinculadas à UFBA, comparando-os com dados nacionais, de outras instituições e de áreas específicas do conhecimento.

## **A METODOLOGIA ADOTADA NO TRABALHO**

Em primeiro lugar, em 2018, após os resultados da Chamada CNPq n. 12/2017, obtivemos no portal do CNPq a relação de todos/as pesquisadores/as vinculados/as à UFBA que eram bolsistas de produtividade em pesquisa CNPq, com bolsas vigentes em todos os níveis e áreas de conhecimento. Encontrado o total de 207 bolsistas, dos/as quais 81 são mulheres, identificamos quais delas ainda se mantinham, mesmo que aposentadas, na instituição. Excluídas duas docentes, ambas no nível PQ-2, que em 2018 passaram a compor o quadro docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, restou o montante de 79 pesquisadoras, aproximadamente 39% do total de bolsistas PQ da UFBA.

Em seguida, após identificadas as bolsistas, os níveis de bolsa com as quais foram contempladas e as respectivas áreas de atuação, foram analisados outros dados obtidos a partir dos currículos Lattes das pesquisadoras, como unidade de lotação, ano e instituição de conclusão do doutorado e natureza do vínculo com a UFBA (se aposentada ou não). Depois, em 2019, por meio da Plataforma Sucupira, da CAPES, averiguamos em quais programas de pós-graduação da UFBA essas bolsistas estavam cadastradas como docentes permanentes. Quanto aos dados obtidos na Plataforma Sucupira, houve divergências em relação aos

disponíveis no banco do CNPq<sup>7</sup>. Além dessas incongruências, alguns/algumas bolsistas estão cadastrados/as como “não bolsistas PQ” no banco de dados da Plataforma da CAPES por erro<sup>8</sup>. Vale ressaltar que a identificação só foi possível porque os/as bolsistas aparecem, também, em outros programas, permitindo que as informações fossem retificadas com base no conteúdo publicado nos currículos Lattes.

Por fim, em junho de 2019, outros dados, como data de nascimento, ano de ingresso na instituição e cor, foram obtidos diretamente com a Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas da UFBA, a PRODEP. A partir deles, foi possível traçar um perfil etário e geracional das pesquisadoras, que também será discutido neste trabalho. Nesse processo, enfrentamos um obstáculo: muitas pesquisadoras não disponibilizaram informação quanto ao seu pertencimento étnico-racial no cadastro da PRODEP, sobretudo as que ingressaram há mais tempo na instituição, quando esse não era um dado inquirido. Por este motivo, não discutiremos esse ponto neste artigo e, tendo em vista a complexidade da discussão, optamos por aprofundar a análise quanto à categoria raça/etnia em trabalho que analisa a etapa ulterior – e qualitativa – da pesquisa, após a aplicação do questionário estruturado e realização das entrevistas em profundidade.

Vale ainda registrar que, neste estudo, foram comparadas as quantidades de bolsistas mulheres e homens por programa e por nível de bolsas. Além disso, analisamos o número de pesquisadoras aposentadas, o tempo de conclusão do doutorado e, ainda, a concessão de bolsas PQ para pesquisadores/as vinculados à UFBA nas chamadas de 2006 a 2018. Esteadas nessas informações,

---

<sup>7</sup> Há três questões preponderantes que causam tais divergências: a) Bolsas de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora – DT; b) pesquisadores/as de outras instituições; c) pesquisadores/as que receberam a bolsa PQ em 2019; e d) pesquisadores/as que perderam a bolsa em 2019.

<sup>8</sup> Esse é o caso, por exemplo, de uma docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, que teve sua bolsa renovada em 2019, e do Programa de Pós-Graduação em Física, no qual nenhum/a dos/as docentes permanentes aparecia como bolsista de produtividade em pesquisa.

construímos o banco de dados da pesquisa e analisamos as desigualdades de gênero nas carreiras científicas a partir de uma perspectiva feminista.

## **UM OLHAR FEMINISTA SOBRE AS CIÊNCIAS: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO**

Ainda que tenham uma relativa sintonia no tocante ao objetivo de democratização do campo científico, é muito importante registrar que as críticas feministas às ciências não compõem uma teoria crítica coesa, geral ou homogênea, mas, na verdade, se materializam em um “[...] bloco de correntes heterogêneas que tentam explicar por que as mulheres continuam, em boa medida, a viver em condições de subordinação [...]” (Bandeira, 2008, p. 210). É um conjunto cuja multiplicidade de pensamento não contradiz sua marcada posição crítica às carreiras e às produções científicas e, sobretudo, à marginalização das mulheres no campo científico.

Embora as feministas não tenham sido as únicas, tampouco as primeiras, a elaborarem uma crítica sistemática à chamada ciência moderna, é forçoso admitir que as críticas feministas às ciências trazem especificidades relevantes (Bandeira, 2008). Elas revelam “[...] não apenas como as categorias de gênero têm se inserido no vértice da Ciência Moderna, mas sobretudo que o suposto ‘sujeito universal’ dessa ciência tem sido o *homem branco ocidental*” (Sardenberg, 2002, p. 96). As críticas feministas, que também denunciam o quanto o fazer científico é impregnado de valores culturais, vão tomar as noções de atributos femininos e masculinos como relacionais, ressaltando a necessidade de que tais atributos sejam historicizados (Lopes, 2006).

Desse modo, essas críticas desvelam que o início do processo de distanciamento entre as mulheres e as ciências se dá na mais tenra idade, com o começo da socialização delas, e apontam para a imprescindibilidade da integração das

mulheres “[...] como categoria sociológica e filosófica em qualquer análise, com isso colocando um final às análises truncadas sobre a sociedade e as relações sociais” (Bandeira, 2008, p. 220). Porém, é a partir da compreensão de que os conhecimentos científicos, assim como as relações de gênero e as supostas diferenças naturais entre os comportamentos de homens e mulheres (Bandeira, 2008), devem ser entendidos também como algo que se dá dentro de um contexto histórico, social, político e cultural que algumas dessas teóricas se alinham com outros sujeitos subalternizados, não restringindo suas discussões às condições de desigualdade impostas às mulheres. A esse respeito, no lembra Sardenberg:

De um modo geral, o pressuposto básico dessas epistemologias é o de que não existe conhecimento “neutro” nem “absolutamente objetivo”; todo conhecimento se constrói a partir de um posicionamento social (histórico, cultural) específico, refletindo não a “verdade”, mas o que se pode apreender da perspectiva que se tem desses diferentes ângulos (Sardenberg, 2002, p. 102-103).

Por isso, embora seja imprescindível a ocorrência de um processo de pluralização dos sujeitos pesquisadoras/es, visto que isso afeta diretamente a produção do conhecimento científico, faz-se necessário as relações hierárquicas e desiguais constitutivas desse campo do conhecimento e, também, naquelas construídas por ele. É nesse sentido que advogamos que o alcance das epistemologias feministas pode – e deve – ir além das questões tidas como “pautas de mulheres” e, mais precisamente, deve reconhecer que a própria noção da ideia de mulheres deve abarcar uma complexidade de sujeitos que são histórica e socialmente subalternizados, como as mulheres negras, indígenas, transsexuais, pobres e velhas<sup>9</sup>, por exemplo. Desse modo, a formulação de críticas feministas às ciências precisa ser, também, propositiva, contribuindo para a construção de um

---

<sup>9</sup> Neste trabalho, escolhemos usar as expressões “velha” e “velhas” em substituição às expressões “terceira idade”, “melhor idade” etc., que contribuem para a suavização das discriminações sofridas pelas pessoas velhas nas sociedades ocidentais, nas quais são frequentemente vistas como “problemas sociais” (Motta, 2011). Sobre a temática, sugerimos a leitura de Motta (2011; 2018).

novo paradigma, mais democrático, de conhecimentos científicos. Como Sardenberg (2002) sugere,

[...] uma epistemologia feminista<sup>10</sup> deve constituir-se, necessariamente, através de um processo de mão dupla, ou seja, de um processo tanto de desconstrução como de construção [...]. Cabe-lhe, pois, propor princípios, conceitos e práticas que possam superar as limitações de outras estratégias epistemológicas, no sentido de atender aos interesses sociais, políticos e cognitivos das mulheres e de outros grupos historicamente subordinados (Sardenberg, 2002, p. 96).

Assim, quando prometemos um olhar feminista sobre as dinâmicas das carreiras acadêmicas, não pretendemos traçar o perfil das bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq na UFBA como mera denúncia das iniquidades existentes no campo científico. Mais do que isso, almejamos contribuir de forma propositiva para ampliar o alcance dessa discussão, na esperança de que este estudo auxilie na construção de políticas que enfrentem e transformem, paulatina e irreversivelmente, as desigualdades de gênero nas carreiras científicas.

## **O (NÃO) LUGAR DAS MULHERES NAS CARREIRAS CIENTÍFICAS**

As críticas feministas às ciências não ignoram que, de alguma forma, tem ocorrido ampliação do número de mulheres nas carreiras científicas (Bandeira, 2008; Leta, 2003; Lima, Braga & Tavares, 2015). Entretanto, importa ressaltar que esse movimento tem uma lógica eminentemente quantitativa, pois não houve correspondência no que se refere ao acesso delas aos postos mais reconhecidos no campo científico. Embora já sejam majoritárias no ensino superior (INEP, 2018), infelizmente persistem as assimetrias dentro do sistema de pesquisa científica brasileiro, pois as mulheres ainda são minoritárias entre os bolsistas de

---

<sup>10</sup> Nesse sentido, quanto ao uso no singular da expressão “epistemologia feminista”, vale salientar o posicionamento da própria autora, que afirma que “(...) as divergências entre feministas tornam impossível falarmos de ‘epistemologia feminista’ no singular” (Sardenberg, 2002, p. 98).

produtividade, sendo ainda menos representadas nos níveis mais altos dessas bolsas. É seguro afirmar, como nos alerta Bandeira (2008, p. 217), que esse “[...] efetivo maior acesso das mulheres ao mundo científico não elimina o fato de que quanto mais alto o escalão, menos as pesquisadoras mulheres estão presentes.” Assim, não é contraditório que o maior ingresso de mulheres nessas carreiras não signifique o acesso proporcional delas aos mais altos escalões. Essa disparidade é fruto de um conjunto de obstáculos impostos particularmente às mulheres, muitas vezes de modo pouco evidente e naturalizado, variando fortemente em relação ao pertencimento étnico-racial, à classe social de origem, à geração, à territorialidade, à orientação sexual e outros marcadores que atravessam as experiências dessas mulheres. Neste trabalho, a análise se limitará às desigualdades das relações de gênero e geração na academia, mas, em outros trabalhos, discutimos como o espaço ocupado pelas mulheres (e muitas vezes negado a elas) nas carreiras científicas está imbricado ao curso de vida delas.

A breve radiografia que realizamos na Universidade Federal da Bahia nos mostrou que, nesta instituição, o acesso das mulheres aos graus mais elevados de destaque na pesquisa científica ainda reproduz as mesmas iniquidades constatadas pelas pesquisas nacionais sobre a participação feminina no campo científico brasileiro (Bandeira, 2008; Leta, 2003; Lima, Braga & Tavares, 2015). Uma das situações prototípicas desta exclusão fica patente quando identificamos que, mesmo em alguns Programas de Pós-Graduação, como em Saúde Coletiva, no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, nos quais as mulheres são a maioria entre docentes permanentes (67%) e, também, entre bolsistas de produtividade (53%), nenhuma delas é contemplada com a bolsa PQ-1A, embora haja três bolsistas homens nesse nível. Em outros programas de pós-graduação, como em Educação, inobstante o corpo permanente ser composto por 21 mulheres (62%) e 13 homens (38%), nenhuma delas recebe bolsas de produtividade, enquanto, entre os homens, três são bolsistas PQ.

Esses casos exemplificam, de uma forma iluminadora, o cenário de persistentes desigualdades de gênero na composição dos programas de pós-graduação e, mais amplamente, na constituição dos recursos humanos no campo da pesquisa na UFBA e no país, como veremos a seguir. A proporção entre homens e mulheres, contudo, vai se tornando menos desigual à medida que analisamos níveis mais baixos, havendo um número relativamente equilibrado de bolsistas na categoria PQ-2, dos quais 43% são mulheres e 57% são homens. Esses percentuais, entretanto, embora sejam aparentemente positivos, expõem a mais importante exclusão das mulheres nas carreiras científicas, que é a chamada exclusão vertical e que, segundo Lima (2013, p. 884), “[...] se refere à sub-representação de mulheres em postos de prestígio e poder, mesmo nas carreiras consideradas femininas [...]”. Assim, esse suposto e aparente equilíbrio entre bolsistas PQ-2, se dá, portanto, pela concentração do contingente das mulheres no nível mais baixo da bolsa PQ e revelam a inacessibilidade delas aos níveis mais altos de reconhecimento de excelência na pesquisa.

Destarte, quando analisados os dados, pudemos constatar, em primeiro lugar, que os/as bolsistas PQ-2 são 62% do total de bolsistas vinculados/as à UFBA e que este valor é similar aos encontrados em estudos realizados nacionalmente por áreas do conhecimento como Medicina, Serviço Social, Saúde Coletiva, Odontologia, Química, Fonoaudiologia e Sociologia (Barata & Goldbaum, 2003; Café *et al.*, 2011; Cavalcante *et al.*, 2008; Chalhub & Oliveira, 2010; Mendes *et al.*, 2010; Santos *et al.*, 2009; Santos, Cândido & Kuppens, 2010). Contudo, há uma tendência inequívoca da ocorrência de uma redução, não uniforme, do percentual de mulheres à medida em que aumenta o nível da bolsa PQ. Essa desigualdade de gênero é acentuada quando comparamos as duas categorias de bolsistas PQ, pois, na UFBA, 70% das pesquisadoras bolsistas estão na categoria mais baixa (PQ-2), enquanto apenas 57% dos bolsistas homens estão nessa categoria. Essa disparidade, somada ao maior número de bolsistas PQ homens do que mulheres, fará com que a categoria PQ-1 seja formada majoritariamente por homens; eles

são 68% dos/as bolsistas na categoria PQ-1 da UFBA e 89% entre pesquisadores/as que recebem a bolsa de maior nível (PQ-1A). Entre os níveis da categoria PQ-1, a variação é menor e nem sempre linear, deixando ainda mais notória a diferença entre a ascensão de homens e mulheres na carreira científica. Se 70% das mulheres estão na categoria 2, enquanto apenas 57% dos homens se encontram na mesma categoria, na categoria 1, elas estão distribuídas de modo decrescente, isto é, à medida em que se aumenta o nível da bolsa, há menos mulheres. Os homens, ao contrário, ocupam esses níveis de modo heterogêneo, havendo grande concentração de bolsistas PQ-1A.

Vale ainda registrar que a grande proporção de pesquisadores homens contemplados pela bolsa PQ-1A na UFBA, em 2018, não é um dado isolado na instituição e, tampouco, no período estudado e em nada destoava das pesquisas nacionais sobre esta temática. Os números divulgados por estudos sobre a participação de homens e mulheres no campo da pesquisa científica no Brasil colocam em evidência essa disparidade, conforme veremos a seguir. Uma pesquisa realizada na área de Medicina aponta que, no triênio 2005-2007, os pesquisadores homens não apenas possuíam mais bolsas de produtividade como eram majoritários na categoria PQ-1A, concentrando 75% das bolsas (Mendes *et al.*, 2010). Em Odontologia, no triênio 2005-2007, havia mais bolsistas homens PQ-1B que PQ-1C e PQ-1D (Cavalcante *et al.*, 2008). Outros dados também nacionais, relativos aos anos de 2001 a 2015 e produzidos a partir do banco de dados do CNPq, confirmam essa desigualdade. Até 2011, os bolsistas PQ-1 homens se concentravam, por ordem crescente, em PQ-1D, PQ-1C, PQ-1A e PQ-1B. Gradualmente, esses números foram sofrendo alterações e, a partir 2012, as bolsas PQ-1A passaram a ser o segundo maior volume de bolsas nessa categoria (PQ-1), ficando atrás apenas do nível 1D (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, 2018). A uniformidade desses dados, ao longo do tempo e em diferentes áreas do conhecimento, evidencia que a progressão dos homens na carreira científica se dá mais rapidamente do que a das mulheres e,

por isso, eles permanecem mais tempo no mais alto nível da bolsa PQ<sup>11</sup> e menos tempo nos níveis mais baixos.

Faz-se necessário explicitar dois aspectos. O primeiro deles é que a UFBA não indica ou seleciona os/as bolsistas PQ; esse é um processo centralizado e independente realizado pelo CNPq<sup>12</sup>. O segundo é que a progressão na carreira acadêmica obedece a um fluxo gradual e que isso se reflete na ascensão dos/as bolsistas às categorias de maior prestígio: assim, aqueles e aquelas que foram PQ-1, em regra, passaram pela categoria PQ-2. O que ocorre, entretanto, é que as mulheres, ressalvadas raríssimas exceções, permanecem por muito mais tempo nos patamares mais baixos da bolsa, progredindo mais lentamente na carreira. E, mais grave ainda, a grande maioria das bolsistas jamais alcançam as categorias PQ-1B ou PQ-1A. Na UFBA, como dissemos, as mulheres são menos de 40% entre os/as bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, dado que já aponta para a persistência de desigualdades de gêneros nas esferas mais altas da carreira acadêmica e que é bastante agravado quando recortamos não somente os níveis de bolsas, mas, também, as áreas de conhecimento.

Em nosso levantamento, pudemos constatar que, em 2019, entre os 68 programas de pós-graduação registrados na instituição, existia, na soma de todos eles, um equilíbrio no contingente homens (52%) e mulheres (48%) cadastrados/as como docentes permanentes, alguns/mas deles/as vinculados/as a outras instituições, como Fiocruz, UFSB, UEFS, UFRB, UFPB, UFSCar, dentre outras. Todavia, essa paridade não se mantém quando analisamos as bolsas de produtividade, das quais apenas 39% são recebidas por mulheres, sendo os homens contemplados com 61%, e, sobretudo, esta concentração fica evidente

---

<sup>11</sup> Diante da natureza *sui generis* da categoria de Pesquisador Sênior (PQ-SR), esse estudo considera a bolsa PQ-1A como o nível mais elevado de bolsa de produtividade em pesquisa no CNPq.

<sup>12</sup> Se, por um lado, é verdade que a instituição não seleciona ou indica os/as pesquisadores para bolsa PQ, por outro, o valor simbólico atribuído à instituição (capital institucional, na expressão bourdieusiana) tem uma importância incontestável. E, no caso de pesquisadores/as da UFBA, uma instituição situada no nordeste, essa é uma variável que pesa em desfavor aos/às candidatos/as às bolsas, como discutiremos amplamente em outro trabalho.

quando analisamos os programas individualmente. Dos 63 programas que possuem bolsistas de produtividade, apenas em 29% deles há uma prevalência de bolsistas mulheres; em 16% tem-se um valor estatisticamente equivalente de bolsistas dos dois sexos; e na ampla maioria deles (56%) há mais bolsistas homens, em diferentes proporções. Em 18 programas de pós-graduação da UFBA que possuem bolsistas PQ, o que corresponde ao relevante percentual de 29%, todos os pesquisadores contemplados são homens. Isso ocorre nos programas de Matemática, Mecatrônica, Física, Geofísica, Engenharia Elétrica, Engenharia Industrial, Ciência da Computação, dentre outros cursos tidos como tradicionalmente “masculinos”, mas, também, paradoxalmente, em programas como o de Educação, no qual, como dissemos, há prevalência de mulheres (62%) no corpo docente permanente do programa. Em Biotecnologia, para citarmos outro programa, também há uma predominância de mulheres no corpo docente (56%), mas os três bolsistas de produtividade em pesquisa são homens.

Esses dados desvelam que a heterogeneidade na participação das mulheres nas diversas áreas de conhecimento não exclui que nos postos de mais alto reconhecimento do campo científico elas são sistematicamente mais sub-representadas. Nesse sentido, Lima e Souza (2011) argumentam que os homens, em relação às mulheres, detêm mais facilmente capitais simbólicos e respeito no meio acadêmico. Em outras palavras, eles acumulam maior capital científico e, por isso, são reconhecidos pelos seus pares concorrentes como autoridades no campo (Bourdieu, 1983).

Dentro dessa mesma lógica hierárquica, no campo científico, as próprias áreas de produção de conhecimento são reconhecidas a partir de uma classificação diferencial, isto é, algumas áreas são tidas como mais – ou propriamente – científicas, enquanto outras são, constantemente, colocadas em xeque. Para Lopes (2006, p. 37), esse tipo de diferenciação fica muito evidente em certos campos do conhecimento e afirma que “(...) as ciências naturais assumiram uma

autoridade inigualável nas culturas ocidentais nos últimos séculos.” Não é exagero, portanto, concluir que essa hierarquização do prestígio entre as diferentes áreas do conhecimento afeta diretamente o acesso e a distribuição de grupos subalternizados no interior do universo acadêmico, sendo mais comum a presença de mulheres<sup>13</sup> em áreas que não gozem de elevado prestígio científico. Ressalvadas importantes exceções, como o Programa de Genética e Biodiversidade da UFBA, no qual 67% de bolsistas de produtividade em pesquisa são mulheres, a reprodução dessa lógica também pôde ser observado em outros programa desta instituição: enquanto o programa de Física tem um corpo docente formado, majoritariamente, por homens (85%), Serviço Social, Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Enfermagem e Artes Cênicas têm, respectivamente, 89%, 95%, 83% e 71% de mulheres do total de docentes permanentes.

Outro fator também importante para a desigual distribuição de mulheres nas áreas de conhecimento – e que afeta os dados supramencionados – é a persistência de uma noção estereotipada e essencialista de que algumas atividades ou profissões são “femininas” e outras “masculinas” (Kergoat, 2016). Esses dois fatores, o prestígio científico e o processo de estereotipagem, recaem ainda hoje de forma persistente sobre as diferentes áreas do conhecimento e suas respectivas profissões e, simultaneamente, sobre os sujeitos; influenciam de um modo extremamente complexo a distribuição de homens e mulheres nas áreas de conhecimento. Consequentemente, criam, ainda que não possamos distinguir com exatidão em que grau cada um deles opera, um cenário de desigualdade de gênero internacionalmente relevante quando comparamos as diversas áreas de conhecimento.

---

<sup>13</sup> Os dados analisados nesse estudo não trazem os recortes de raça/etnia, geração e classe social, fundamentais para que seja compreendido, a partir da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade, a distribuição de outros grupos subalternizados na academia. Entretanto, tendo em vista nosso referencial teórico e, especificamente, as noções de capital científico e de autoridade científica (Bourdieu, 1983), acreditamos que os grupos subalternizados tendem a ocupar espaços acadêmicos de menor prestígio.

Ratificando o exposto acima, um estudo sobre a produção científica ibero-americana (Albornoz *et al.*, 2018) concluiu que essa ausência de mulheres é mais marcante em algumas áreas do conhecimento, tais como as de tecnologias de informação e de comunicação (TIC) e engenharia, indústria e construção. Na primeira, “Em nenhum dos países ibero-americanos, as mulheres alcançaram 30% dos graduados [...]. Chile e Espanha apresentam a maior lacuna de gênero nesse indicador, com somente 13% e 14% de mulheres entre os graduados em TIC” (Albornoz *et al.*, 2018, p. 9, tradução nossa). Vale ainda acrescentar que, no que diz respeito às publicações, os números relativos aos países ibero-americanos também evidenciam uma nítida predominância de pesquisadores homens liderando as publicações em algumas disciplinas como engenharia e física e química (Albornoz *et al.*, 2018).

Nessa mesma pesquisa, os/as autores apontam que dos vinte e um países analisados apenas dois deles, Paraguai e Argentina, têm, no total de publicações em todas as disciplinas, uma prevalência de mulheres autoras. Em 67% deles, ao contrário, os homens são autores da maioria das produções científicas. Esses dados são ainda mais agravados se analisados a partir do recorte das disciplinas e dos países. Assim, em primeiro lugar, no que se refere às disciplinas, algumas delas, como engenharia, física e química, têm a maioria de autores do sexo masculino em todos os vinte e um países pesquisados, não tendo qualquer disciplina que possua maioria de mulheres em, pelo menos, mais de nove países. Em segundo lugar, no que diz respeito à produção por países, dez deles possuem uma predominância de homens autores em todas as disciplinas e, como já podemos inferir dos dados apresentados, nenhum deles possui um número maior de autoras em todas as disciplinas (Albornoz *et al.*, 2018). Essa desigualdade de gênero é ainda mais exacerbada pelo fato de os países com maior número de publicações apresentarem assimetrias mais acentuadas do que os países que possuem menos produções científicas. A esse respeito, as/os autoras/es afirmam:

Quanto à Espanha, o que chama a atenção é que, sendo o país ibero-americano com maior quantidade de pessoas que publicam, as mulheres não são maioria em nenhuma área de conhecimento. Nesse país, a lacuna de gênero não só é significativa nas engenharias, com 30% de mulheres, e nas Ciências Físicas e Químicas, com 36%, mas, também, nas Humanidades, com 41% (Albornoz *et al.*, 2018, p. 15, tradução nossa).

Demonstrada a confluência entre os dados da UFBA e dos países ibero-americanos, podemos asseverar que, como as pesquisadoras de outros países, as mulheres bolsistas dessa universidade também se concentram, simultaneamente, nos extratos que possuem níveis mais baixos das bolsas PQ como também em áreas de conhecimento tidas como “femininas” e/ou que gozem de menor prestígio pelos/as cientistas. A UFBA não é, portanto, uma instituição que apresenta dinâmicas de relações de gênero excepcionais ou substancialmente diversas dos cenários nacional e internacional.

## **A HETEROGENEIDADE DAS BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE EM PESQUISA DA UFBA: A ENCRUZILHADA DE GÊNERO E GERAÇÃO**

Em um breve esforço de caracterização das pesquisadoras, no que diz respeito ao tempo de conclusão de doutorado, grande parte das bolsistas PQ da UFBA (56%) concluiu o doutorado entre 11 e 20 anos. Embora um pouco mais acentuado, esse dado se coaduna com pesquisas nacionais que apontam, por exemplo, que dos bolsistas PQ em Medicina 44% concluíram nesse mesmo período (Mendes *et al.*, 2010) e que, em Odontologia, 50% de bolsistas PQ estão na mesma condição (Cavalcante *et al.*, 2008)<sup>14</sup>. Entre as pesquisadoras da UFBA, 30% concluíram seu doutoramento entre 21 e 30 anos e poucas concluíram há até 10 anos (8%) ou há mais de 30 anos (6%). Entretanto, esses dados apresentam uma variável em termos de geração que consideramos bastante

<sup>14</sup> Em ambas as pesquisas, os dados se referem a todos/as os/as pesquisadores/as que recebem bolsa de produtividade em pesquisa, sem discriminar homens e mulheres.

importante. Se hoje o ingresso na carreira docente em instituições de ensino superior públicas federais se dá, majoritariamente, após o doutoramento, nem sempre foi assim. Das 79 bolsistas estudadas, 40 delas (51%) concluíram o doutorado após o acesso à carreira, sendo que 93% dessas entraram na instituição antes dos anos 2000. Isso evidencia que houve uma relevante mudança na dinâmica de titulação das pesquisadoras que seguem a carreira acadêmica, sendo incomum, hodiernamente, excetuadas algumas áreas de conhecimento específicas, que o ingresso se dê antes da conclusão do doutorado.

Assim, das bolsistas de produtividade em pesquisa, 58% ingressaram na UFBA antes do ano 2000 e 42% a partir desse mesmo ano. Se, entre as primeiras, 80% ainda não eram doutoras, entre as segundas, esse número é de apenas 9%. Desse modo, analisar o perfil etário dessas bolsistas a partir do tempo de doutoramento não se mostra conclusivo. Por outro lado, grande parte das bolsistas PQ da UFBA (86%) concluiu o doutorado entre 11 e 30 anos, mas é importante destacar que esse intervalo abarca diferentes gerações, desde pesquisadoras que ingressaram na UFBA em 1970 às que ingressaram em 2009. Logo, os dados quanto ao tempo de conclusão de doutorado contribuem mais para a compreensão das mudanças nas dinâmicas de titulação entre as diferentes gerações de bolsistas PQ do que para a definição de um perfil dessas bolsistas.

Destarte, na tentativa de compreender as relações de gênero na academia a partir, também, da categoria geração, é relevante se levarmos em consideração a análise da idade e do vínculo dessas bolsistas, se aposentadas ou “em atividade”<sup>15</sup>. Quanto à idade, as bolsistas são um grupo heterogêneo, que varia entre 37 e 87 anos, mas que se concentra na faixa etária de 41 e 70 anos (85%).

---

<sup>15</sup> A expressão “em atividade” é grafada nesse trabalho entre aspas, pois, inobstante ser amplamente utilizada na administração pública em oposição aos/às servidores/as aposentados/as, não pactuamos com a noção de que a aposentadoria cessa a atividade do/a pesquisador/a, como discutiremos mais adiante.

Parte significativa das bolsistas PQ da UFBA, 41%, possui idade igual ou superior a sessenta anos, o que as enquadra, segundo o ordenamento jurídico brasileiro (Brasil, 2003), como idosas. O alto percentual de mulheres idosas em posição de destaque na carreira é próprio da academia, não sendo facilmente percebido em outras profissões, nas quais, geralmente, é privilegiada a fase adulta e há processo de marginalização das pessoas velhas (Grün, 1999; Pessanha & Morel, 1991).

Na carreira acadêmica, entretanto, há uma relativização dessa regra, sendo um espaço com maior receptividade para alguns/mas velhos/as. Isso se dá por diversos fatores, como, por exemplo, os requisitos para ingresso na carreira, que demandam um tempo extenso de formação acadêmica. Contudo, a nosso ver, é a natureza eminentemente intelectual do trabalho acadêmico que possibilita que a carreira científica seja mais receptiva às pessoas velhas que outras profissões. À velhice é associada uma série de estereótipos relacionados à debilidade física, à fraqueza, à fragilidade e à enfermidade que não alcançam diretamente – e a princípio – a atividade de pesquisador/a. Desse modo, essa carreira passa a ser compatível com pessoas idosas, mas com ressalvas bastante delimitadas, seja pelos aspectos étnico-raciais, de classe social de origem e de identidade de gênero, que não aprofundaremos neste artigo, seja pela própria condição etária. Isso porque nem todos/as os/as velhos/as são tidos como aptos a fazer pesquisa científica. Sobre as pessoas mais velhas recaem outros estigmas também discriminatórios que, ao contrário dos acima citados, afetam diretamente a carreira científica, como a perda das habilidades cognitivas, da memória, da saúde mental.

Assim, com o apoio de um discurso científico-biológico, naturalizam-se aspectos fundamentalmente sociais no intuito de “[...] justificar, ideologicamente, o poder e a dominação – o sexo ‘frágil’ e ‘burro’, a raça ‘preguiçosa’ e ‘feia’, a idade imatura ou da ‘esclerose’ [...]” (Britto da Motta & Weller, 2010, p. 193-194). É sobre esse

terreno que se assentam as exclusões das pessoas velhas das mais diversas esferas da vida familiar, social ou laboral. Na UFBA, no tocante às pesquisadoras bolsistas em produtividade, os dados são alarmantes. Se constatamos um número bastante significativo de mulheres idosas – 41%, como já foi dissemos – o número de mulheres acima de 71 anos é de apenas 11%. Dessas, somente duas têm mais 80 anos (2%).

Um aspecto que chama a atenção na análise destes dados diz respeito ao tipo de vínculo mantido pela bolsista com a instituição e, nessa questão, é significativa a grande participação de pesquisadoras aposentadas. Na UFBA, em setembro de 2018, elas eram cerca de um terço das bolsistas PQ. Esse número evidencia a relevância das pesquisadoras aposentadas para as produções acadêmicas da instituição e para o campo científico, mas, também, o interesse delas em se manterem profissionalmente ativas. Desse modo, é preciso compreender o porquê de bolsistas já aposentados/as permanecerem como pesquisadores/as, mesmo quando, em tese, já se afastaram de suas funções na instituição. Para tanto, as dinâmicas do campo científico e os conceitos de capital científico e autoridade científica, trabalhados por Bourdieu (1983), são essenciais.

Se, em algumas profissões, pessoas aposentadas se mantêm em atividade por conta da remuneração em termos monetários, na carreira científica, o capital mais importante não é material, mas simbólico, denominado, especificamente, de científico. Embora possa ser (re)convertido em capital material ou em outros capitais simbólicos, o capital científico tem características peculiares. A primeira delas é que a aquisição e o acúmulo desse capital têm como objetivo o alcance de autoridade científica, que não está necessariamente associada à prosperidade financeira ou ao reconhecimento social do/a cientista. A segunda característica particular é que o pesquisador/a só adquire prestígio científico a partir do reconhecimento feito pelos pares concorrentes. Desse modo, a atribuição do valor simbólico científico é feita por outros/as pesquisadores/as, membros de

uma academia, que, na verdade, é mais concorrencial do que comunitária. Como nos alerta, textualmente, Pierre Bourdieu:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (Bourdieu, 1983, p. 1).

Assim, é evidente que a ruptura do vínculo formal de “servidor/a ativo/a” com a instituição não interrompe a dinâmica que realmente importa no campo científico. Um outro aspecto a considerar é que, não obstante a bolsa PQ estar vinculada a uma remuneração monetária, o recebimento desse valor pecuniário não desempenha papel significativo, pois se dá num valor bastante baixo para o nível na carreira no qual esses/as profissionais estão, não chegando, portanto, a representar um incremento de renda<sup>16</sup>. No que se refere ao capital científico, entretanto, a lógica é exatamente inversa. Esse capital é acumulado durante toda a trajetória profissional acadêmica do/a pesquisador/a, mas, além dessa dinâmica não cessar com a aposentadoria, é comum que o acúmulo de capital científico seja mais acentuado nos momentos mais tardios da profissão. Na UFBA, por exemplo, todas as bolsistas PQ-1, categoria mais elevada da bolsa, concluíram o doutorado há mais de 15 anos. Quanto às duas categorias de bolsistas, apenas 8% delas concluíram o doutorado há 10 ou menos anos.

Desse modo, podemos afirmar que a luta pela aquisição do capital científico não cessa com a aposentadoria e, sobretudo, que o/a pesquisador/a se torna mais

---

<sup>16</sup> Quanto ao capital econômico ou, mais especificamente, quanto à relativização de sua importância no campo científico, é preciso fazer algumas ressalvas. A relação entre os capitais científico e econômico é complexa e possui duas dimensões distintas. Numa dimensão, o valor monetário da bolsa PQ não representa ganhos financeiros diretos para as/os pesquisadoras/es e o seu montante não é atraente e não possui natureza salarial. Noutra, a bolsa PQ possibilita, diretamente, através da taxa de bancada para categoria 1, a realização de pesquisas menos onerosas e, indiretamente, por seu valor simbólico, a captação de outros recursos financeiros, como discutimos em outro trabalho.

competitivo/a à medida que acumula mais prestígio, o que requer, em regra, tempo significativo na carreira acadêmica. Com isso, podemos inferir que a questão geracional, ao reforçar a posse de capital científico pelas pesquisadoras, pode ser lida como uma dimensão que atenuaria, parcialmente, a força das desigualdades de gênero e, se não facilita a entrada, ao menos pode vir a atuar como um fator de reforço à permanência dessas profissionais na condição de bolsistas de produtividade por mais tempo, inclusive após a aposentadoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, cujo escopo visa traçar e analisar o perfil das pesquisadoras bolsistas de produtividade da UFBA, se apoia nas teorias feministas, por seu potencial de desconstrução e suas potentes “lentes” que nos permitem lançar novos olhares sobre paisagens familiares como é o caso do campo científico. Acreditamos, enfaticamente, que as teorias e epistemologias feministas, apesar de inseridas num movimento mais amplo de críticas às ciências, ao se debruçarem particularmente sobre as relações de gênero, possibilitam a contestação e contextualização do ponto de vista social, cultural e histórico do conteúdo das ciências e em torno das supostas diferenças entre homens e mulheres e seus reflexos na produção de conhecimento científico. É a partir dessa perspectiva que observamos as carreiras científicas e, em especial, a participação das mulheres nos espaços de maior prestígio na academia, enquanto bolsistas PQ.

Em 2018, após os resultados da Chamada CNPq n. 12/2017 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ, a Universidade Federal da Bahia contava, no seu quadro, com o total de 207 pesquisadores/as bolsistas PQ. Desse montante, 79 são mulheres com atuação em diversas áreas do conhecimento e com idades que variam de 37 a 87 anos. Esses números revelam a persistência de uma baixa taxa de participação feminina nos espaços de prestígio em nossa Universidade –

ainda inferior a 40% – o que, infelizmente, mostrou-se ainda mais agravada a depender dos programas de pós-graduação aos quais estão vinculadas ou às áreas de atuação das bolsistas e já indicam, em última instância, a gravidade das desigualdades de gênero entre bolsistas da instituição, ainda que de forma heterogênea. Entretanto, foi a análise da participação por sexos dos/as pesquisadores/as entre os diferentes níveis de bolsas de produtividade que evidenciou o labirinto imposto às mulheres na academia, que retém mesmo as pesquisadoras mais reconhecidas pelos pares concorrentes nos níveis mais baixos da carreira. Portanto, pudemos constatar que o maior ingresso de mulheres como discentes e docentes na academia não representou um maior acesso delas aos lugares de notoriedade nas carreiras científicas. Vale lembrar ainda que a persistência dessas assimetrias nas relações de gênero no campo da produção do conhecimento científico, tão evidentes no presente trabalho quanto às bolsistas PQ da UFBA, também não são estranhas a outras instituições nacionais e internacionais, conforme apontam outros estudos aqui apresentados.

Para finalizar, cumpre-nos lembrar que os dados apresentados alertam para a urgência da necessidade de incorporação da categoria gênero numa perspectiva feminista nos estudos de Filosofia e História das Ciências, não apenas como forma de entender as desigualdades de gênero nas carreiras científicas, mas, sobretudo, para que possam ser elaboradas políticas para minimizar e, se possível, extirpar essas iniquidades. Não é exagero afirmar que nas produções brasileiras compreender a historicidade das relações de gênero no campo científico nunca foi uma prioridade, pois, infelizmente, como lembra Lopes (2006, p. 37), “[...] em Histórias das Ciências, no Brasil, [...] só muito recentemente gênero começou a ser incorporado de forma mais ampla como uma perspectiva de abordagem teórica [...]”. Assim, é importante reconhecer que as desigualdades de gênero que atravessam as ciências são ainda bastante desafiadoras, pois consideradas como extremamente heterogêneas e complexas, variam de acordo com outras categorias que marcam os sujeitos cognoscentes –

como raça, etnia, geração e classe social –, com a área do conhecimento, com o nível da carreira, entre outros fatores significativos. Embora nem tudo seja uma questão de gênero, é fundamental reconhecer que o enfrentamento do androcentrismo nas ciências ainda requer a afirmação de gênero, a partir das teorias e epistemologias feministas, enquanto uma categoria analítica importante, que estrutura a academia e a produção de conhecimento científico e cuja compreensão é imprescindível para a transformação do próprio campo científico e, particularmente, das carreiras acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

Albornoz, Mario, Barrere, Rodolfo, Matas, Lautaro, Osorio, Laura, & Sokil, Juan (2018). *Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana*. Recuperado em 10 junho, 2019 de: [encurtador.com.br/jkvOR](http://encurtador.com.br/jkvOR).

Britto da Motta, Alda (2018). Idade e solidão: a velhice das mulheres. *Revista Feminismos*, 6(2), 88-96.

Britto da Motta, Alda (2011). As velhas também. *Revista Ex Aequo*, 23, 13-21.

Britto da Motta, Alda & Weller, Wivian (Orgs). A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), 175-184.

Bandeira, Lourdes (2008). A contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, 16(1), 207-230.

Barata, Rita B. & Goldbaum, Moisés (2003). Perfil dos pesquisadores com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq da área de saúde coletiva. *Caderno de Saúde Pública*, 19(6), 1863-1876.

Bourdieu, Pierre (1983). O campo científico. In Renato Ortiz (Org.). *Bourdieu – sociologia* (pp. 122-155). São Paulo: Ática.

Brasil (2003). *Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 out. 2003, p. 1.

Café, Anderson, Carvalho, Kátia, Menezes, Vinícios S., Oddone, Nanci E. (2011). A elite acadêmica da Sociologia no Brasil e sua produção científica. *Informação & Informação*, 16(3), 19-39.

Cavalcante, Raika A., Barbosa, Daniella R., Bonan, Paulo R. F., Pires, Maria B. O., & Martelli-Júnior, Hercílio (2008). Perfil dos pesquisadores da área de odontologia no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 11(1), 106-112.

Chalhub, Tania & Oliveira, Eloisa P. (2010). O panorama da produção científica de pesquisadores bolsistas do CNPq em Serviço Social. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Brasília, DF, Brasil, XI.

Grün, Roberto (1999). Conflitos de geração e competição no mundo do trabalho. *Cadernos Pagu*, 13, 63-107.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. 2018. Recuperado em 5 outubro, 2020 de: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206).

Kergoat, Danièle (2016). O cuidado e a imbricação das relações sociais. In Alice R. P. Abreu, Helena Hirata, & Maria R. Lombardi (Orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais* (pp. 17-26). São Paulo: Boitempo.

Leta, Jaqueline (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17(49), 271-284.

Lima, Betina S. (2013). O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Estudos Feministas*, 21(3), 883-903.

Lima, Betina S., Braga, Santana, Maria L., & Tavares, Isabel (2015). Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. *Revista Gênero*, 16(1), 11-32.

Lima Betina S. & Souza, Ângela M. F. (2011). Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. In Alinne L. Bonneti & Ângela M. F. Lima e Souza (Org.). *Gênero, mulheres e feminismos* (pp. 9-21). Salvador: UFBA.

Lopes, Maria M. (2006). Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. *Cadernos Pagu*, 27, 35-61.

Lopes, Roberto P. M. (2018). Assimetrias de gênero na ciência baiana: uma abordagem institucional. *Revista Binacional Brasil Argentina*, 7(1), 419-450.

Mendes, Patrícia H. C., Martelli, Daniella R. B., Souza, William P., Quirino Filho, Sidinei, & Martelli-Júnior, Hercílio (2010). Perfil dos pesquisadores Bolsistas de Produtividade Científica em Medicina no CNPq, Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 535-541.

Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (2018). CNPq. Bolsas e auxílios vigentes. Recuperado em 14 setembro, 2018 de: <http://www.cnpq.br/web/guest/bolsistas-vigentes/>.

Ministério da Educação (2019). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Diretoria de Avaliação - DAV. Plataforma Sucupira. Coleta Capes. Lista de docentes. Recuperado em 8 abril, 2019 de: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/docente/listaDoce nte.jsf>.

Pessanha, Elina G. F. E. & Morel, Regina L. M. (1991). Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos do Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 6(17), 68-83.

Santos, Natacha C. F., Cândido, Lucilene F. O., & Kuppens, Cristiano L. (2010). Produtividade em pesquisa do CNPq: análise do perfil dos pesquisadores da Química. *Química Nova*, 33(2), 489-495.

Santos, Suelleng M. C., Lima, Leonardo S., Martelli, Daniella R. B., & Martelli-Júnior, Hercílio (2009). Perfil dos pesquisadores da Saúde Coletiva no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 761-775

Sardenberg, Cecilia M. B. (2002). Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In Ana A. A. Costa & Cecilia M. B. Sardenberg (Orgs). *Feminismo, ciência e tecnologia* (pp. 89-120). Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA.

## UM OLHAR FEMINISTA SOBRE O PERFIL DAS PESQUISADORAS DA UFBA BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE EM PESQUISA DO CNPq

### Resumo

À luz de uma perspectiva feminista, o artigo traça e analisa o perfil de pesquisadoras bolsistas de produtividade em pesquisa da UFBA. Assim, toma como fonte de pesquisa as informações extraídas do sítio do CNPq, em 2018, após os resultados da Chamada CNPq n. 12/2017, e os respectivos currículos Lattes dessas cientistas. O cotejamento dos dados da pesquisa mostrou que as pesquisadoras contempladas com a bolsa PQ perfazem um total de 79 bolsistas (38,5%) e, desse contingente, a grande maioria dessas mulheres recebe, sobretudo, as bolsas com os mais baixos níveis, havendo uma sub-representação de mulheres bolsistas PQ-1A, e nenhuma Pesquisadora Sênior (SR), o que é surpreendente quando 73 das 79 bolsistas concluíram o doutorado há mais de 10 anos. Por fim, mais de um terço das bolsistas encontram-se aposentadas, atuando heterogeneamente em diferentes áreas do conhecimento e nos mais diversos programas de pós-graduação.

### Palavras-chave

Ciência & tecnologia. Gênero e ciências. Mulheres nas ciências. Bolsistas de produtividade em pesquisa.

## UNA MIRADA FEMINISTA SOBRE EL PERFIL DE LAS INVESTIGADORAS DE LA UFBA CON BECAS DE PRODUCTIVIDAD DE LA INVESTIGACIÓN DEL CNPq

### Resumen

A la luz de una perspectiva feminista, el artículo traza y analiza el perfil de las becarias de productividad en investigación de la UFBA. Así, se toma como fuente de investigación la información extraída de la página web del CNPq, en 2018, tras los resultados de la Convocatoria CNPq n. 12/2017, y los respectivos currículos de Lattes de estos científicos. El cotejo de los datos de investigación mostró que las investigadoras contempladas con la beca PQ son un total de 79 becarias (38,5%) y, de este contingente, la gran mayoría de estas mujeres reciben, sobre todo, las becas de menor nivel, existiendo una infrarrepresentación de mujeres becarias PQ-1A, y ninguna investigadora senior (SR), lo cual es sorprendente cuando 73 de las 79 becarias terminaron su doctorado hace más de 10 años. Por último, más de un tercio de los becarios están jubilados y trabajan en distintas áreas de conocimiento y en diferentes programas de posgrado.

### Palabras clave

Ciencia y tecnología. Género y ciencia. Las mujeres en la ciencia. Becas de productividad para la investigación.

## **A FEMINIST VIEW ON THE PROFILE OF UFBA'S RESEARCHERS WITH CNPq's RESEARCH PRODUCTIVITY SCHOLARSHIPS**

### **Abstract**

In the light of a feminist perspective, the article traces and analyzes the profile of female researchers with research productivity grants from UFBA. Thus, it takes as a research source the information extracted from the CNPq website, in 2018, after the results of the CNPq Call n. 12/2017, and the respective Lattes curricula of these scientists. The collation of the survey data showed that the female researchers contemplated with the PQ fellowship make up a total of 79 fellows (38.5%) and, of this contingent, the vast majority of these women receive mainly the fellowships with the lowest levels, there being an underrepresentation of women PQ-1A fellows, and no Senior Researcher (SR), which is surprising when 73 of the 79 fellows completed their PhD more than 10 years ago. Finally, more than a third of the fellows are retired, working heterogeneously in different areas of knowledge and in the most diverse graduate programs.

### **Keywords**

Science & technology. Gender and science. Women in science. Research productivity fellows.

## **CONTRIBUIÇÃO**

### **Iolanda Pinto de Faria**

A autora declara ter tido papel principal nas fases de financiamento, concepção, teorização, coleta dos dados, análise e conclusão.

### **Márcia dos Santos Macedo**

A autora declara ter tido papel secundário nas fases de financiamento, concepção, teorização, coleta dos dados, análise e conclusão.

### **Angela Maria Freire de Lima e Souza**

A autora declara ter tido papel secundário nas fases de teorização e análise dos dados.

## **CONFLITOS DE INTERESSE**

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

## **PROCEDIMENTOS ÉTICOS**

As autoras declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para a elaboração desta contribuição.

## **AGRADECIMENTOS**

As autoras agradecem à Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados da contribuição foram obtidos.

## COMO CITAR

Faria, Iolanda P., Macedo, Márcia S., & Souza, Angela M. F. L. (2022). Um olhar feminista sobre o perfil das pesquisadoras da ufba bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 353-383.